



GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação – Trabalho 1171

## AS DISTÂNCIAS SOCIAIS ENTRE ESCOLA E SUJEITOS HOMOSSEXUAIS E SUA INTERFERÊNCIA NA PERCEPÇÃO DE HOMOFOBIA

Felipe Bastos – CAp/UFJF; PUC-Rio

### Resumo

A partir da compreensão de que a homofobia é uma realidade no cotidiano escolar, o presente artigo tem como objetivo compreender os dados sobre a percepção de homofobia por parte de sujeitos ligados à escola em relação às suas distâncias sociais com indivíduos homossexuais, obtidos e disponibilizados pela pesquisa Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar, realizada em 2009 pela FIPE. Com o universo de 18.599 respondentes, dentre diretoras, professoras, funcionárias, alunas e responsáveis, geramos tabelas de referência cruzada entre distância social com pessoas homossexuais e: (i) percepção de atitudes preconceituosas específicas contra pessoas homossexuais; e (ii) características sociodemográficas. Observamos a tendência em todas as análises de que pessoas socialmente muito distantes de pessoas homossexuais enxergam menos práticas de preconceito contra homossexuais quando comparados com estudantes socialmente mais próximos de homossexuais.

**Palavras-chave:** Distância social; Diversidade sexual; Escola; Homofobia; Preconceito.

### 1. INTRODUÇÃO

Imersa nas lógicas heteronormativas de nossa sociedade, a socialização no espaço escolar corrobora para formar sujeitos que pouco refletem sobre sua própria sexualidade e, quando o fazem, são instigados a mantê-la no patamar natural, óbvio e normal de apenas uma – a heterossexualidade – diante uma ampla possibilidade de experimentação dos prazeres sexuais. Mesmo fora da escola, a heterossexualidade é tratada como um grupo coeso e homogêneo e outras tantas possibilidades de experiência de vida são postas à margem. As pessoas que destoam desta falsa normalidade aprendem, desde a escola, que vivem em desarmonia com o mundo natural, em um não-lugar da qual ela precisa ser retirada. Assim, sujeitos que fogem ao padrão são constantemente convidados a retornar ao esperado, quando não forçados através de violência física ou simbólica.

O cotidiano escolar é constantemente desafiado por práticas de preconceito, discriminação e violência, realidades insistentes nas relações desiguais entre sujeitos e suas identidades. O afastamento entre as diversidades – o *eu* e o *outro* – acontece porque a diferença ameaça a rigidez das identidades culturais (ROCHA, 2006), isto é, a presença da diversidade pode ser percebida por muitos de modo a mitigar ou até anular os padrões culturais tradicionais e hegemônicos. Não são raras as histórias sobre preconceito e discriminação na escola contra as diversidades racial, étnica, sexual, territorial, geracional, de gêneros, de deficiências e tais quantas sejam as diferenças que marcam este sujeito *outro* da diversidade.

Ao embarcar no debate sobre a pluralidade das identidades que se formam diante desejos, afetos e convívio entre diferentes sujeitos, precisamos levar em conta a observação de um campo no qual convivem de um lado as relações entre corpos, hábitos e prazeres e, por outro, divergências, preconceitos e violências. Por mais que as discussões sobre a diversidade das experiências sexuais e das identidades de gênero tenham ganhado espaço no espaço escolar (LOURO, 2003; 2013; FERRARI, 2010), a presença da homofobia, expressa a partir do preconceito, da discriminação e da violência, é também cotidiana (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009; BASTOS; PINHO; PULCINO, 2015; BORRILLO, 2010; JUNQUEIRA, 2007, 2012). Para além da discussão sobre a violência cometida em si, a homofobia se configura em práticas que conferem manutenção de hierarquia superior conferida arbitrariamente pela normalidade heterossexual (BORRILLO, 2010).

É preciso, então, considerar a existência de um variado e dinâmico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle voltadas a estabelecer e a impor padrões e imposições normalizantes no que concerne a corpo, gênero, sexualidade e a tudo o que lhes diz respeito, direta ou indiretamente. A homofobia [...] diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (JUNQUEIRA, 2007, p. 9)

Segundo Bastos e Andrade (2016), a convivência com a diversidade sexual em alguma etapa da vida pode fazer com que professoras<sup>1</sup> consigam se sensibilizar quanto à

---

<sup>1</sup> A regra gramatical da língua portuguesa que define o masculino como elemento neutro em substantivos e adjetivos foi deliberadamente invertida para o feminino como referência ao neutro, independentemente do sexo dos sujeitos ao qual o termo se refere. Seguindo esta lógica, os substantivos e adjetivos usados no masculino neste texto ocorrem somente em referência específicas a sujeitos masculinos.

questão da diversidade sexual no intuito de evitar práticas preconceituosas ou discriminatórias em sala de aula. Assim, os sujeitos podem estabelecer proximidades com o outro de acordo com sua experiência, formação e estilo de vida e que tal proximidade influencia a maneira de perceber o *outro* diante de um contexto de pluralidade sociocultural.

O presente trabalho emerge a partir desta reflexão sobre proximidades entre diferentes grupos sociais e tem como objetivo principal observar dados disponibilizados por uma ampla pesquisa qualitativa e que expressam as distâncias sociais que os sujeitos que fazem parte da escola têm com sujeitos homossexuais em geral e suas percepções de preconceito contra homossexuais na escola. Em outras palavras, as perguntas principais que buscamos responder são: (i) como as distâncias sociais influenciam na percepção da homofobia escolar? (ii) as distâncias sociais podem estar relacionadas com outras características sociais, como gênero, raça/etnia e religião?

Convém mencionar que estamos cientes das limitações e restrições que os dados podem fornecer para a análise de padrões tão complexos como estes. Entretanto, o interesse desta pesquisa não consiste em atribuir padrões causais entre atitudes, qualidades pessoais e personalidades, mas sim em analisar como se dão, dentre um grande conjunto de dados, as associações entre os sentimentos de proximidade de sujeitos pertencentes à comunidade escolar com pessoas homossexuais. Estas correlações podem auxiliar na construção de ferramentas, saberes e competências para uma educação que reconheça a diversidade sexual e que não facilite, e tampouco promova, práticas homofóbicas.

## **2. A PESQUISA FIPE**

A base de dados utilizada neste trabalho são os microdados da pesquisa intitulada “Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar” realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, FIPE, vinculada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, FEA/USP, em convênio com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP. O relatório apresenta resultados obtidos através de análises quantitativas sobre “situações de discriminação no ambiente escolar e sua influência no acesso, na permanência, na trajetória e no desempenho escolar dos estudantes” (BRASIL/MEC/INEP, 2009, p. 12).

A pesquisa realizada sob coordenação de José Afonso Mazzon é pioneira nos estudos sobre diversidade na educação brasileira e buscou descrever um quadro analítico para a avaliação de ações mais gerais que caminhe para repensar e transformar o ambiente escolar em um espaço de estímulo à diversidade e à mitigação de preconceitos e discriminações. Convém ressaltar que, tal como a estratégia de investigação deste plano aponta, os dados apresentam possibilidade em gerar subsídios para estudos relacionados a cada uma de suas áreas temáticas, a saber: étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual. É nesta última área que se situa o presente trabalho.

Foram coletados dados de 18.599 sujeitos relacionados a 501 escolas, com representações de todos os estados brasileiros e do distrito federal. Foram computados questionários de 15.087 alunas da penúltima série do ensino fundamental regular (7ª ou 8ª), da última série do ensino médio regular (3ª ou 4ª), e de EJA (2º segmento do ensino fundamental e ensino médio), 501 diretoras, 1.005 professoras do ensino fundamental e médio das disciplinas de português e matemática do conjunto das séries descritas, 1.004 funcionárias e 1.002 pais/mães das estudantes das séries descritas e que participassem como membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres. Estes questionários foram organizados numa base de dados contendo 324 variáveis.

A FIPE realizou um extenso *survey* na busca por mensurar crenças, atitudes e comportamentos gerais e específicos entre os diferentes respondentes. Para tal, organizou as perguntas dos questionários através dos seguintes blocos de assuntos: (i) questões sobre exposição à mídia por parte dos respondentes; (ii) questões sobre hábitos de lazer; (iii) questões sobre escala de distância social; (iv) questões sobre crenças e atitudes; (v) questões sobre o conhecimento de práticas discriminatórias; e (vi) questões sociodemográficas. Esta amplitude de blocos permitiu a pesquisa percorrer a três conceitos fundamentais: “(1) as crenças, atitudes e valores que expressam preconceito; (2) a distância social medida pela escala de *Bogardus*; e (3) o conhecimento de práticas discriminatórias no ambiente escolar (*bullying*)” (BRASIL/MEC/INEP, 2009, p.17, grifos dos autores).

Os estudos sobre distância social têm uma história de, pelo menos, quase um século. Introduzida pelo sociólogo estadunidense Emory S. Bogardus, a escala de distância social é um instrumento eficaz de pesquisa no estudo sobre as relações entre grupos sociais distintos. A proposta inicial da escala era avaliar atitudes públicas dos

estadunidenses em relação a imigrantes de diferentes nacionalidades (BOGARDUS, 1925), mas foi reconduzida para estudo entre outras interações sociais. A escala de Bogardus (1925) se utiliza do conceito de Park (1924, p. 339) sobre *distância social*, ou seja, “uma tentativa de reduzir a termos mensuráveis os graus de compreensão e de intimidade que caracterizam as relações pessoais e sociais em geral”<sup>2</sup>. O distanciamento social ocorre diante o estigma que as pessoas podem ter em relação ao *outro*, na medida em que ao atribuir características indesejadas a este indivíduo ou coletivo, pode-se encaminhar à rejeição dos sujeitos rotulados.

Em suma, a escala de Bogardus se refere à predisposição de uma pessoa em estabelecer contatos sociais em diferentes níveis de proximidades com membros de um determinado grupo social. Esta foi uma importante contribuição da pesquisa FIPE, pois fornece dados mais precisos sobre a discrepância entre as informações fornecidas pelos respondentes e sua veracidade, uma vez que em pesquisas que se utilizam de questionários, as pessoas tendem a assumir menos que sejam preconceituosas quando perguntadas diretamente sobre seus preconceitos.

A escala de Bogardus para as distâncias sociais da pesquisa FIPE foi construída através de uma única pergunta para cada grupo social no qual as respondentes deveriam marcar apenas uma opção, a que concordassem com mais intensidade dentre as listadas a seguir, já na ordem que reflete a posição de menor para maior aceitação (BRASIL/MEC/INEP, 2009, p. 18):

- 1) Aceitaria como aluno(a) da escola.
- 2) Aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula.
- 3) Aceitaria como colega de trabalho na escola.
- 4) Aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a).
- 5) Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a).
- 6) Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a).

Se a respondente concorda mais fortemente com a com a frase em que ela aceitaria que sua filha se casasse com uma pessoa homossexual, há menor distância social entre a respondente e pessoas homossexuais<sup>3</sup>, então ela automaticamente aceita as demais frases. Por outro lado, se a frase com a qual ela concorda com maior intensidade é que aceitaria essa pessoa homossexual como aluna da escola, pressupõe-se que não aceitaria as cinco

---

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> Apesar de preferirmos a expressão “pessoas LGBT” quando se trata da diversidade sexual, os dados da pesquisa FIPE utiliza “pessoas homossexuais” e, portanto, manteremos a nomenclatura original.

demais situações. Assim, através de um único valor, é possível verificar maiores ou menores predisposições em estabelecer contatos com homossexuais.

### **3. METODOLOGIA**

Os dados utilizados para este trabalho compreendem as respostas dos 18.599 sujeitos analisados pela pesquisa. Este banco de dados está disponibilizado no endereço eletrônico do INEP (BRASIL/MEC/INEP, 2008). Foi utilizada a versão 20 do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) para o tratamento dos dados e construção das análises estatísticas desenvolvidas. Na análise dos dados foi utilizada aplicação de teste não-paramétrico de Qui-quadrado. Os procedimentos de análise do presente estudo foram realizados com nível de significância fixado em  $p < 0,05$ .

A partir da amostra total dos dados coletados foram construídas tabelas de referência cruzada entre as distâncias sociais das respondentes com sujeitos homossexuais e diferentes variáveis relacionadas, a saber: (i) a percepção de atitudes preconceituosas específicas contra pessoas homossexuais; e (ii) algumas características sociodemográficas.

Também foi construída uma tabela de frequência para verificar as taxas de distâncias sociais entre as respondentes. A escala de Bogardus está disponibilizada em suas variáveis numéricas de seis opções possíveis, mas reorganizamos estes dados em novas três categorias de maneira que pudessem dar melhor sentido às nossas análises. Para tal, associamos respostas próximas em blocos que representem o quão próximas ou afastadas estão as respondentes de sujeitos homossexuais, a saber: (i) *alta distância* para as respondentes mais afastadas, ou seja, as que marcaram “aceitaria como aluno(a) da escola” e “aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula”; (ii) *média distância* para as respondentes intermediárias, ou seja, que marcaram “aceitaria como colega de trabalho na escola” e “aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a)”; e (iii) *baixa distância* para as respondentes mais próximas, as que marcaram “aceitaria que meu(minha) filho(o) namorasse com ele(a)” e “aceitaria que meu(minha) filho(o) se casasse com ele(a)”.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1. Comportamento social**

Convém destacar de início que os valores são expressos ao longo do trabalho em porcentagem do total de casos disponíveis (N=18.599). Entretanto, há variáveis em que algumas respondentes não marcaram nenhuma das opções para uma determinada questão. Na medida em que nenhuma destas perdas foi maior do que 0,4% deste total, excluimos os casos faltosos para a construção das tabelas.

As porcentagens de pessoas com alta, média e baixa distância social são decrescentes, mas chama a atenção o salto entre os totais de respondentes com média e com baixa distância social, tal como mostra a Tabela I<sup>4</sup>. Somente 3,1% namorariam ou casariam com pessoas homossexuais. Por outro lado, a maioria das respondentes (59,2%) aceitaria homossexuais como aluna na sala de aula, categoria de alta distância social.

**TABELA I**  
**VALORES DE DISTÂNCIAS SOCIAIS COM HOMOSSEXUAIS**

<b>Grupo</b>	<b>Distância social</b>	<b>Total</b>
Alta	Aceitaria como aluna da escola	22,3%
	Aceitaria como aluna na minha sala de aula	36,9%
Média	Aceitaria como colega de trabalho na escola	23,6%
	Aceitaria que estudasse em minha casa com minha filha	14,1%
Baixa	Aceitaria que minha filha namorasse com ela	1,2%
	Aceitaria que minha filha se casasse com ela	1,9%

Este resultado demonstra a dificuldade que os sujeitos ligados à instituição escolar possuem de estabelecer proximidades, contatos e relações com essa diversidade sexual. Além disso, as baixas distâncias sociais com sujeitos homossexuais compõem a segunda menor taxa quando comparadas com as porcentagens dos outros sujeitos alvos de preconceito na escola. A concordância para que a filha se casasse com uma pessoa negra, a mais alta de todas, é de 10,6%, enquanto que para se casasse com uma pessoa deficiente mental é de 1,2%. O alto distanciamento entre as pessoas com sujeitos homossexuais parece refletir nas altas taxas de preconceito e discriminação homofóbicas ocorridos na escola (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009). A homossexualidade se constitui, portanto, como uma das diferenças menos interessadas pelos sujeitos na escola, o que pode favorecer o silenciamento cotidiano da diversidade sexual na escola.

<sup>4</sup> Todas as tabelas apresentadas neste trabalho têm como fonte elaboração própria a partir dos microdados (BRASIL/MEC/INEP, 2008).

## 4.2 A relação entre distâncias sociais e percepção da homofobia

As tabelas apresentadas nesta seção destacam as correlações entre a percepção de preconceito homofóbico e a verificação, na própria escola dos sujeitos respondentes, de práticas de humilhação, agressão física e acusação injusta contra alunas, professoras e funcionárias ocorridas em função de homossexualidade da vítima. Nossa hipótese é de que a percepção da homofobia escolar é maior entre o grupo de sujeitos socialmente menos distantes de homossexuais quando comparados com sujeitos socialmente mais distantes.

A Tabela II aponta as taxas percentuais de verificação da homofobia cujas vítimas são as alunas. Nas três ações verificadas – humilhação, agressão física e acusação injusta –, o grupo de baixa distância social possui maior porcentagem de percepção – “vi nesta escola” – do que o grupo de alta distância social. Além disso, a taxa de percepção no grupo de baixa distância é igualmente maior quando comparada com o total de casos.

**TABELA II**  
**PRECONCEITO CONTRA ALUNA POR SER HOMOSSEXUAL**

Ação	Percepção	Distância social			Total
		Alta	Média	Baixa	
Humilhação	Vi nesta escola	19,8%	18,5%	31,8%	19,7%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	16,9%	17,0%	20,0%	17,0%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	63,3%	64,5%	48,2%	63,2%
Agressão física	Vi nesta escola	8,4%	6,8%	12,0%	7,9%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	10,8%	9,8%	16,2%	10,5%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	80,9%	83,4%	71,8%	81,5%
Acusação injusta	Vi nesta escola	6,6%	5,8%	12,5%	6,5%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	8,7%	7,9%	12,9%	8,6%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	84,7%	86,3%	74,6%	85,0%

$\chi^2 = 0,000$

Da mesma forma, a análise pode ser empreendida observando-se os grupos de média e alta distância, onde a porcentagem relativa é maior na não percepção de preconceito, “nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola”. Portanto, pessoas socialmente mais distantes de homossexuais aparentam perceber as práticas de homofobia com menos intensidade do que as pessoas socialmente menos distantes. A violência homofóbica compõe o cotidiano escolar (JUNQUEIRA, 2007; BORRILLO, 2010), mas sua percepção pode ser dependente do grau de aceitação para com homossexuais.



A Tabela III indica as correlações entre grupos de distância social e percepção de preconceito contra professoras. As taxas não são as mesmas, mas a tendência observada na Tabela II se repete, ou seja, a percepção de práticas homofóbicas contra professoras é maior em grupos de baixa distância na comparação com as médias dos outros grupos.

**TABELA III**  
**PRECONCEITO CONTRA PROFESSORA POR SER HOMOSSEXUAL**

Ação	Percepção	Distância social			Total
		Alta	Média	Baixa	
Humilhação	Vi nesta escola	9,2%	8,3%	15,3%	9,0%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	10,4%	10,9%	15,3%	10,7%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	80,4%	80,9%	69,3%	80,3%
Agressão física	Vi nesta escola	2,5%	2,0%	7,2%	2,4%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	4,3%	4,2%	9,0%	4,4%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	93,2%	93,8%	83,8%	93,2%
Acusação injusta	Vi nesta escola	2,7%	2,7%	8,5%	2,9%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	4,6%	4,2%	9,2%	4,6%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	92,7%	93,1%	82,4%	92,5%

$\chi^2 = 0,000$

Convém destacar que os três valores de percepção de homofobia – “vi na escola” – entre os grupos de baixa distância social são menores quando comparados com a percepção de preconceito contra as alunas. Quanto a isto, parece que a percepção de homofobia é maior quando esta ataca alunas do que quando as vítimas são as professoras. Como demonstra a Tabela IV, quando o preconceito ocorre contra funcionárias homossexuais, a percepção é ainda menor na comparação com a Tabela III. Ainda assim, Dentro dos três grupos de distância social, o grupo de baixa distância é capaz de ver mais preconceito do que os outros grupos.

**TABELA IV**  
**PRECONCEITO CONTRA FUNCIONÁRIA POR SER HOMOSSEXUAL**

Ação	Percepção	Distância social			Total
		Alta	Média	Baixa	
Humilhação	Vi nesta escola	4,2%	3,9%	8,3%	4,3%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	6,2%	6,0%	12,1%	6,3%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	89,5%	90,1%	79,6%	89,4%
Agressão física	Vi nesta escola	2,2%	1,7%	5,6%	2,1%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	3,7%	3,4%	9,2%	3,8%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	94,1%	94,8%	85,2%	94,1%

Acusação injusta	Vi nesta escola	2,0%	2,0%	7,0%	2,2%
	Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola	3,9%	3,7%	7,7%	4,0%
	Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola	94,0%	94,3%	85,2%	93,9%
					$\chi^2 = 0,000$

Nos três casos analisados de percepção de preconceito contra alunas, professoras e funcionárias, as taxas de total desconhecimento de homofobia na escola – “Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola” – nos grupos de baixa distância social são maiores quando a violência é de agressão física e acusação injusta. Uma explicação para este fato reside na humilhação se configurar enquanto uma agressão mais branda e, possivelmente, mais cotidiana em relação a agressões físicas e injustiças marcadas. Na escola, tal como os insultos, as humilhações são observações e práticas que exprimem opiniões negativas e sempre estão vinculadas à demonstração de hierarquias de poder entre ofensor e ofendido (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009).

A eficácia das ofensas reside exatamente em demarcar a distância ou afastamento do insultador em relação ao insultado. Em relação à homossexualidade, as pessoas são sempre remetidas para os terrenos da sujeira, da anormalidade e da antinaturalidade [...]. As humilhações, nesses casos, servem para reproduzir ordens morais e sociais em que homossexuais não sejam considerados sujeitos dignos. (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009, p. 199)

Ainda que os grupos de baixa distância social tenham apresentados as maiores taxas de percepção da homofobia em todas as três vítimas e em todas as violências levantadas, a relação entre percepção e distância social não parece ser exatamente antagônica. Isso pode ser percebido pela comparação entre os valores de média e alta distância social, no qual o grupo socialmente mediano quanto a homossexuais percebe menos preconceito na escola do que o grupo socialmente mais distante. Porém, como a diferença entre estes dados é pouco expressiva, não podemos afirmar que é melhor estar socialmente mais distante para perceber homofobia do que estar a uma distância social média.

Esta seção explorou o papel da aproximação de sujeitos pertencentes ao espaço escolar com sujeitos homossexuais e de que maneira isto estimula a consciência de práticas homofóbicas na escola. Não se pode conferir nenhuma relação diretamente causal, contudo, a nítida tendência entre os fatores que indicam maiores predisposições à verificação deste tipo de preconceito entre sujeitos com baixas distâncias sociais com homossexuais parece corroborar a percepção de Bastos e Andrade (2016) quanto à influência do contato com a diversidade. As diferenças da distância entre o *eu* com o

*outro*, nos termos de Rocha (2006), parecem estabelecer lentes capazes de ampliar ou reduzir o conhecimento de práticas preconceituosas, tais como humilhações, violências e acusações indevidas.

### 4.3 A relação entre distâncias sociais e características sociodemográficas

Encaminhando-se ao último objetivo deste trabalho, buscamos compreender como se comportam os grupos de distância social em função de certas características sociodemográficas. Optamos por verificar as relações com gênero, religião e cor/etnia. De modo geral, os grupos de distância social apresentaram pouca variação de acordo com as três categorias sociodemográficas.

A primeira característica a ser apresentada é o gênero, que, com efeito, se mostrou uma das mais relevantes em todas as categorias selecionadas para esta pesquisa. De acordo com a Tabela V, as mulheres são mais numerosas na média distância social do que os homens, enquanto que estes são mais numerosos na alta distância social do que as mulheres.

**TABELA V**  
**DISTÂNCIAS SOCIAIS POR GÊNERO**

Grupos de distância social	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
Alta distância	68,9%	52,7%	59,2%
Média distância	27,9%	44,3%	37,7%
Baixa distância	3,1%	3,0%	3,1%

$\chi^2 = 0,000$

Verificamos na seção 4.2 que os grupos de baixa distância social percebem mais preconceito, mas no caso do gênero, este grupo é bastante equilibrado entre homens (3,1%) e mulheres (3,0%). Assim, que chama a atenção é a diferença de gênero entre as porcentagens de média e alta distância. Ainda que não haja diferença significativa entre homens e mulheres pertencentes ao grupo de baixa distância, o equilíbrio entre as mulheres nas outras duas categorias parece indicar um pouco mais de predisposição a estabelecer contatos e vínculos com sujeitos homossexuais do que os homens parecem estar. Os homens aparecem mais fortemente presentes na categoria de alta distância, indicando menores predisposições a estabelecerem vínculos com estes sujeitos. Pelo menos no que diz respeito aos jovens estudantes de gênero masculino, Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 280) afirmam que, ao contrário de práticas discriminatórias como

racismo e sexismo, a homofobia “sugere um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo”.

Em relação à religião, a relação entre os dados é menos direta, tal como demonstra a Tabela VI. Por exemplo, o grupo de pessoas que não possuem religião tem mais respondentes com alta distância social do que o grupo de que possui, mas ao mesmo tempo, também possui mais respondentes com baixa distância social com pessoas homossexuais do que nas pessoas que possuem religião. Ter religião parece, assim, orientar as pessoas para uma média distância social. A relação com a intensidade da participação religiosa também parece pouco influenciar nas distâncias sociais.

**TABELA VI**  
**DISTÂNCIAS SOCIAIS POR PRÁTICA RELIGIOSA**

Grupos de distância social	Tem religião		Participação religiosa		
	Sim	Não	Muito participante	Pouco participante	Nada participante
Alta distância	58,9%	62,3%	59,4%	58,4%	60,9%
Média distância	38,2%	32,4%	37,7%	38,9%	35,0%
Baixa distância	2,8%	5,4%	2,9%	2,7%	4,1%

$\chi^2 = 0,000$

Ainda que a porcentagem de sujeitos com baixa distância social seja pequena, há um aumento no grupo de pessoas sem religião ou no dos que não participam de atividades religiosas. Não queremos inferir que a religiosidade prejudique na proximidade com homossexuais, mas a religião tem se demonstrado um entrave nas discussões sobre gênero e sexualidade no ensino (BASTOS; ANDRADE, 2016).

Quando observados os resultados para as diferentes religiões, podemos verificar que as religiões evangélica e católica possuem as menores taxas de alunas com baixa distância social (2,1% e 2,7% respectivamente), como demonstra a Tabela VII.

**TABELA VII**  
**DISTÂNCIAS SOCIAIS POR TIPOS DE RELIGIÃO**

Grupos de distância social	Religião			Total
	Católica	Evangélica	Outras	
Alta distância	57,8%	62,3%	59,2%	59,2%
Média distância	39,4%	35,6%	33,9%	37,7%
Baixa distância	2,7%	2,1%	7,0%	3,1%

$\chi^2 = 0,000$

Optamos por apresentar os resultados para religião através da exposição dos resultados para as religiões católica, evangélica e transformamos os resultados das outras religiões ponderadas (Budista, Candomblé/Umbanda, Espírita, Judaica, Muçulmana e Outras) em uma única categoria que representasse essas outras religiões. Essa aglutinação das outras religiões se deve ao fato de que o universo da pesquisa compreendeu sujeitos majoritariamente católicos (65,8%) ou evangélicos (30,2%), o que poderia expressar dados tendenciosos das religiões menos numerosas.

Aglutinados desta forma, podemos inferir que a religião evangélica é a que possui maior faixa de respondentes no grupo de alta distância social, enquanto que a religião católica apresenta maior faixa na média distância. Esta tendência corrobora os achados de Natividade e Oliveira (2009), para os quais os discursos sobre a diversidade sexual tem crescido mais entre evangélicos do que católicos. As outras religiões apresentam maior faixa na baixa distância social.

Em relação à cor/etnia das respondentes, tal como acontece para a religião, a apresentação dos dados em muitas categorias – amarelo, branco, caboclo, cafuso, índio, moreno, mulato, preto e pardo – dificulta a compreensão de alguma tendência. Para efeitos de comparação do papel entre as identidades hegemônicas e subalternizadas na distância social, estabelecemos dois grupos: (i) pessoas brancas (34,3%), e para esta utilizamos a própria categoria da pesquisa; (ii) e pessoas não-brancas (65,7%), no qual foram agrupadas todas as outras etnias. Esta redução buscou dar maiores sentidos aos dados expostos e demonstrar possíveis diferenças de padrões de resposta quando comparados não-brancas como um grupo unificado.

Tal como indicado pela tabela VIII, não há diferenças significativas entre ser branca ou não e possuir diferentes taxas de distância social, já que nos dois grupos, as taxas são próximas. Novamente se percebe o maior índice na alta e média distância social com homossexuais, em conformidade com a média esperada para todas os atributos sociodemográficos.

**TABELA VIII**  
**DISTÂNCIAS SOCIAIS POR RAÇA/ETNIA**

Grupos de distância social	Raça/Etnia		Total
	Pessoas brancas	Pessoas não brancas	
Alta distância	59,9%	58,8%	59,2%
Média distância	36,8%	38,2%	37,7%

Baixa distância	3,3%	2,9%	3,1%
$\chi^2 = 0,091$			

Os dados sobre cor/etnia e religião das respondentes são menos diretos quando comparados com os dados sobre gênero. Estes resultados podem se referir tanto à inexistência de padrões comportamentais distintos no interior de cada grupo, mas também pode ser expressão da presença de muitas categorias pouco expressivas (por exemplo, há 6 respondentes pertencentes a religião judaica em todo o universo de análise). Gênero, cuja divisão na pesquisa é feita em apenas duas categorias, apresenta diferenças significativas no seu interior, onde faz diferença entre ser homem ou ser mulher e possuir determinada distância social com sujeitos homossexuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Questões de gênero e sexualidade estão presentes na escola, cotidianamente” (FERRARI, 2010, p.255). Apesar disso, não são todas as pessoas que as percebem. Muitos fatores podem estar associados quando se trata da sensibilidade às diversidades e às violências que ferem os sujeitos marcados pela diferença sexual. O presente trabalho demonstrou algumas possíveis influências que impactam na percepção de preconceito por homofobia no cotidiano escolar. Ao passo em que se verificou relações sociais, este trabalho tampouco pretendeu atribuir estas como causas únicas da proximidade ou distanciamento das respondentes em relação a sujeitos homossexuais, mas os dados apresentados indicam, em linhas gerais, a existência de correlações entre estas variáveis.

O cruzamento entre percepção de homofobia com distância social contribuiu na observação de que sujeitos socialmente menos distantes a homossexuais, isto é, aqueles que aceitariam que suas filhas se casassem ou namorassem com pessoas homossexuais, tendem a verificar práticas de preconceito homofóbico na escola mais do que os respondentes das categorias de maiores distâncias sociais. Podemos inferir disso que é mais provável que alguém socialmente próximo a uma pessoa homossexual tenha mais capacidade de verificar práticas homofóbicas na escola do que pessoas socialmente mais distantes. À medida em que a homofobia é cotidiana, parece urgente formar sujeitos capazes de percebê-la e diminuir as distâncias sociais pode ser um destes caminhos.

O contato com e a aceitação do *outro* parece ser um importante caminho a se pensar numa educação não homofóbica. Uma educação sem um profundo diálogo sobre a diversidade cultural, sobre a igualdade articulada com a diferença e sobre a nossa

constante capacidade de mudança das classificações sociais, não pode ser considerada uma educação completa, para todas. O reconhecimento das diferenças sexuais, mas não somente, caminha, portanto, diretamente para construção de uma escola e uma sociedade justa com a pluralidade cultural.

Buscamos verificar a influência de certos atributos pessoais ao cruzarmos relações entre as distâncias sociais com certas características sociodemográficas, mas estas se demonstraram menos propositivas; ainda assim, podem fornecer algumas pistas importantes para pensar sobre a construção social de identidades mais preconceituosas, principalmente em relação a pessoas homossexuais. Os resultados entre homens e mulheres, religiosos ou não, de uma religião ou outra, pessoas brancas e não-brancas podem dar dicas quanto à predisposição estatística de uma determinada pessoa em se aproximar socialmente ou não de uma pessoa homossexual, mas reiteramos que todas as pessoas devem ser alvo de práticas escolares de promoção da diversidade sexual e do cerceamento da homofobia.

A escala de distância social de Bogardus parece fornecer indícios precisos dos sentimentos das pessoas com as identidades minoritárias, mas acreditamos esta escala deve ser utilizada também com outras ferramentas de medição, tais como os índices de atitudes contra homossexuais e as escalas de atitudes contra lésbicas e gays (COSTA; BANDEIRA; NARDI, 2013).

Diante do cenário constante de preconceito, discriminação e violência contra homossexuais nas escolas brasileiras, é urgente perceber como os sujeitos escolares, sejam alunas, professoras, diretoras e outras lidam com a diferença e a diversidade para que se possa agir na formação de jovens tolerantes com a diversidade. É preciso construir um profundo diálogo com a comunidade escolar sobre a diversidade cultural, sobre a igualdade articulada com a diferença e sobre a nossa capacidade de mudança sobre as classificações sociais ao pensar em uma educação cidadã para todas as pessoas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lucia; CALAF, Priscila. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de

Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

BASTOS, Felipe; ANDRADE, Marcelo. Cabe discutir gênero e diversidade sexual no ensino de Biologia? In: LIMA-TAVARES, D. et al. (Org.). **Tecendo laços docentes entre Ciência e Culturas**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

BASTOS, Felipe; PINHO, Raquel; PULCINO, Rachel. Diversidade sexual na escola: três perspectivas sobre silenciamentos de sujeitos e saberes. In: ANDRADE, M. (Org.). **Diferenças silenciadas: pesquisas em educação, preconceitos e discriminações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

BOGARDUS, Emory. Social distance and its origin. **Journal of Applied Sociology**, v. 9, p. 216-226, 1925.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL/MEC/INEP. Pesquisa de Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar: **Microdados**. Brasília: MEC; São Paulo: Inep, 2008. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/microdados>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

BRASIL/MEC/INEP. Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual: **Relatório Analítico Final**. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

COSTA, Angelo; BANDEIRA, Denise; NARDI, Henrique. Systematic review of instruments measuring homophobia and related constructs. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 43, p. 1324-1332, 2013.

FERRARI, Anderson. Você já deve saber sobre minha “orientação sexual” (se não sabia, ficou sabendo agora, hehe!) – Subjetividade e sujeitos em negociação. In: FERRARI, A. (Org.). **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, v. 1, n. 1, p. 145-165, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Educação On-line**, n. 10, p. 64-83, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 2, p. 121-161, 2009.



PARK, Robert. The concept of social distance as applied to the study of racial attitudes and racial relations. **Journal of Applied Sociology**, n. 8, p. 339-344, 1924.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. 20. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.